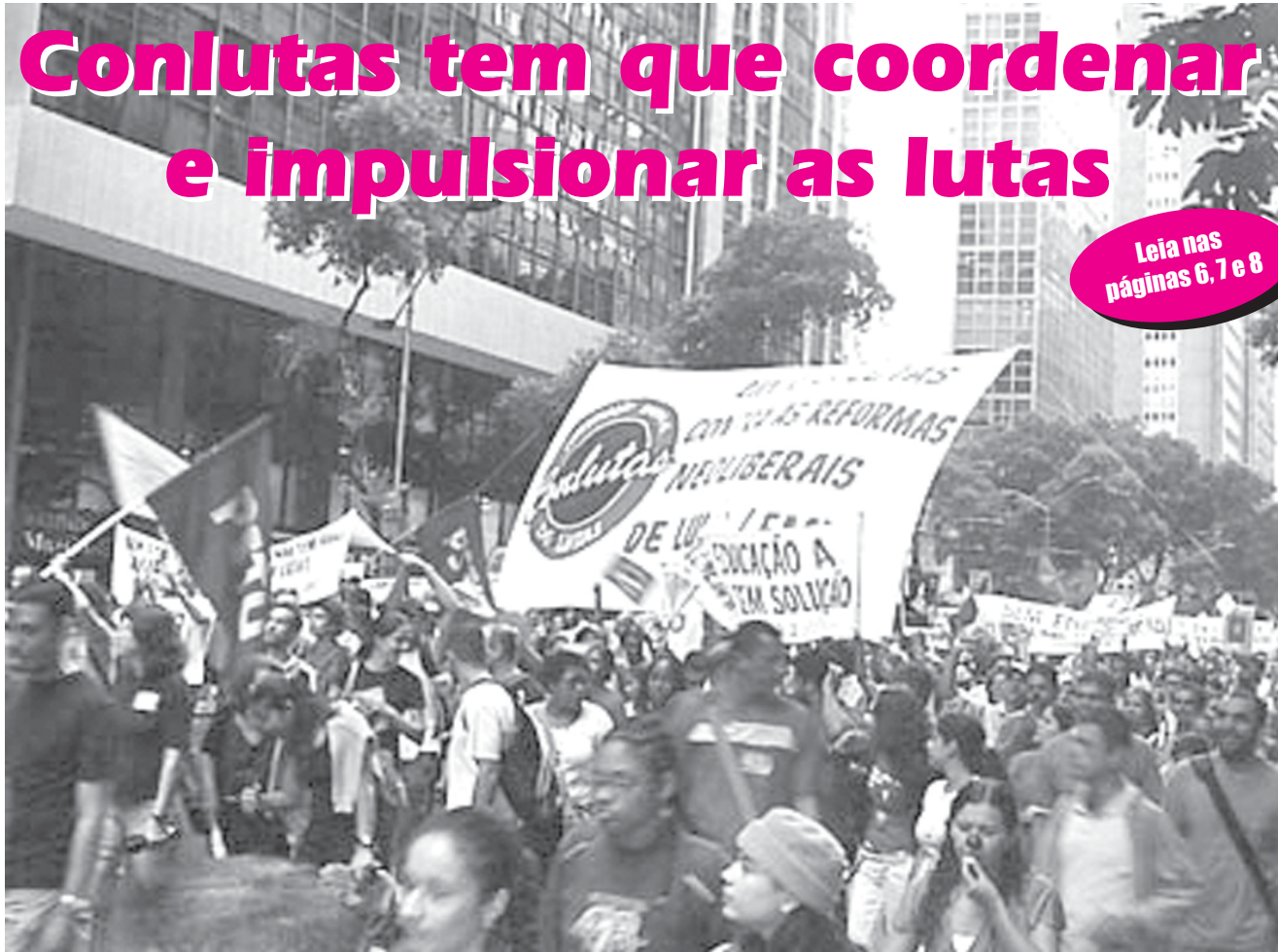


Corrente Marxista Revolucionária

Conlutas tem que coordenar e impulsionar as lutas

Leia nas páginas 6, 7 e 8



P-SOL está acabado:

Construamos um novo partido revolucionário com liberdade de tendências



Leia nas páginas 3 e 4

FATE:
um exemplo a ser seguido!



Página 5

Primeiro balanço da greve da **Revap**

Página 8

A **Conlutas** precisa defender os trabalhadores da **GM!**

Página 9

Três jovens **assassinados:** Lula e Sérgio Cabral são **culpados**

Página 10

UNIFESP: luta pela saída do reitor e democratização da universidade

Página 11

EDITORIAL

A esquerda revolucionária e seus desafios diante do governo Lula

Até agora Lula vem se aproveitando da onda favorável de crescimento econômico dos últimos anos para manter o movimento de massas em geral e os trabalhadores em especial em estado de paralisia. Sem dúvida, desde 2007 tem ocorrido uma importante exceção: o movimento universitário que, com todas as contradições e limites, tem saído a lutar por suas demandas específicas. Esse processo poderá ter novos desenvolvimentos em breve.

Bases do crescimento Lula

Este estado de paralisia vem tendo como base o crescimento econômico brasileiro, ancorado no alto preços das *commodities*, setor que conjuntamente com o financeiro tem tido lucros fabulosos durante o governo Lula. Não é por outro motivo que essas frações da burguesia são as mais entusiastas defensores de Lula. Mesmo com dólar supervalorizado, as exportações possibilitaram ao governo construir uma base material que por sua vez permitiu o aumento de salários e as políticas compensatórias, ao mesmo tempo que seguiu aplicando o receituário neoliberal.

Só os programas sociais de caráter compensatórios, como o bolsa-família, hoje atingem cerca de 38 milhões de pessoas, principalmente no Nordeste do país, conseguindo assim uma base social de massas.

Por sua vez, o BNDS aumentou o seu investimento de R\$ 19 bilhões em 1998 para a enorme cifra de R\$ 65 bilhões em 2007, beneficiando principalmente as montadoras de automóveis que têm compensado a diminuição das exportações devido ao dólar super valorizado com um aquecimento do mercado interno, poucas vezes visto em nosso país.

O PAC, embora tenha sido usado como factóide político é muito mais que isso: significou uma sinalização por parte do governo de que estaria aumentando a presença estatal na economia, não é à toa que a Petrobrás tem sido fortalecida, sendo a outra cara desse projeto o enfrentamento de Lula com a ex-ministra Marina Silva, em torno das hidroelétricas na Amazônia e do plantio de soja.

Lula navegando em um céu de brigadeiros do crescimento econômico mundial dos últimos anos conseguiu constituir um bloco histórico burguês poucas vezes visto em

nosso país. Os pedidos de mudança na política econômica, de diminuição dos juros e dos impostos por “agora parecem arquivados”. Lula tem garantido de forma religiosa o pagamento das dívidas externa e interna, dando lucros fabulosos aos banqueiros nacionais e estrangeiros.

Contradições econômicas no horizonte

Sem dúvida, o mais provável é que essa situação que caracterizou até agora o governo Lula **esteja chegando ao fim**. A crise mundial da economia deflagrada com o problema das hipotecas norte-americanas e que possuem como epicentro a principal potência mundial da atualidade, **até o momento não chegou de forma total no Brasil**. Dizemos isso, uma vez que o aumento dos preços vividos nos últimos meses opera como **refração da crise econômica mundial**, embora a inflação brasileira esteja qualitativamente mais baixa que a de outros países da América Latina, como a Argentina e Venezuela.

A crise econômica mundial já **mudou a balança comercial brasileira**, o que pode em médio prazo dificultar o pagamento das dívidas, uma vez que a produção de superávit primário estará **ameaçada**.

Não estamos em condições de afirmar categoricamente a dinâmica que essa crise vai assumir, o que podemos afirmar é que se a crise seguir avançando ou perdurando a médio e longo prazo, trará problemas ao governo. Isto é assim porque como tentamos demonstrar acima, o crescimento econômico do último período está fortemente ancorado em questões externas e é esse crescimento econômico que tem possibilitado ao governo amalgamar um bloco de frações burguesas que congrega **uma série de interesses conflitantes** e, ao mesmo tempo, distribuir ganhos à classe trabalhadora, seja através de salários ou via bolsas de auxílio. O Banco Central tem tentado segurar que a inflação aumente mais, com medidas de caráter restritivo, isto é, esfriando o crescimento econômico, liga que possibilitou ao governo aliar frações burguesas e a classe trabalhadora ao seu lado.

Se utilizando das reservas vultuosas adquiridas no período anterior, o governo tem operado com medidas pontuais para manter ao seu lado esses setores. Ao setor industrial ga-

rantiu isenções fiscais em vários impostos, para o setor agroexportador renegociou dívidas e ofereceu um subsídio de cerca de 80 bilhões de reais. Essas medidas deixam claro de que lado Lula está: para indústrias e agroexportadores, vantagens; para os trabalhadores, até o momento nada e, como sempre **a conta será paga pela classe trabalhadora**.

A reorganização da Esquerda: limites e perspectivas

Nessa situação, a classe trabalhadora brasileira apresenta-se em uma situação de **paralisia**, o que não significa que não aconteça mobilização de importância em uma ou outra categoria. Entretanto, o que ocorre hoje são lutas **defensivas e isoladas**. A CONLUTAS **não conseguiu organizar a resistência** aos ataques do Governo e dos patrões, bem como se **demonstrou incapaz de coordenar as lutas que aconteceram como bem mostra a onda de ocupações de reitorias do ano passado e agora a luta da GM de São José dos Campos**.

As correntes de esquerda que se mantiveram independentes do governo Lula estão em uma situação bastante difícil, o **isolamento é o signo da etapa**. Tanto o PSOL, como a Conlutas estão submetidos a esse isolamento o que, ao mesmo tempo, não pode significar a justificativa das suas erradas orientações.

O PSOL, que surgiu como alternativa política à esquerda e independente do governo Lula e dos patrões tem **perdido rapidamente esse caráter**, transformando-se de um abrigo para a esquerda, em um abrigo para todo tipo de oportunistas eleitoreiros. A partir da política consciente das correntes majoritárias (MES, APS, Poder Popular) o partido tem buscado de forma insana o apoio de setores da classe média que poderiam estar insatisfeitos com a política neoliberal de Lula. Heloisa Helena conseguiu se constituir na porta-voz desse setor, alcançando expressão de massas, que aparece com 20% das intenções de voto para presidente. Se é verdade que HH é uma figura de massas, **o mesmo não acontece com o PSOL**. Já nas eleições passadas, o peso de HH e do partido foram desmedidos, enquanto HH alcançou uma votação na casa dos 7%, o partido não chegou nem a 1%. Este ano nas eleições municipais a situação será ainda mais dramática. Além disso, o PSOL aprofun-

da seu caráter de partido inorgânico, com uma base despolitizada, uma direção **totalmente adaptada à lógica eleitoral**.

Como temos discutido em várias oportunidades, inclusive em nosso jornal, o programa eleitoral aprovado na II Conferência Eleitoral está muito mais rebaixado que o programa que serviu de base para a candidatura de HH. No tocante à política de alianças, o PSOL foi muito mais à direita, perdendo sua principal virtude, ou seja, a independência de classe perante os partidos burgueses e ao estado capitalista, assim o partido estará, por política do MES, aliado ao PV em Porto Alegre, e no interior e região metropolitana de São Paulo, por política da APS, estará com vários partidos de aluguel, como o PSL, e mesmo siglas que continuam na base de sustentação do governo Lula como o PSB.

A CONLUTAS DEVE COORDENAR AS LUTAS

No marco da CONLUTAS a situação também é bastante difícil. A situação de apatia e paralisia que vive a classe trabalhadora, opera de maneira dura e crua na constituição e construção da CONLUTAS. A CONLUTAS é o que existe de mais progressista e avançado hoje em nosso país, reunindo o que resta de vanguarda combativa e independente.

Dito isto, não podemos tampar o sol com a peneira. A CONLUTAS apesar de reunir o que tem de melhor no Brasil, tem vários pro-

blemas que devem ser encarados de frente. Em primeiro lugar, a CONLUTAS não reúne setores de massas, movendo a vanguarda restrita à maioria dela já organizada nas diversas correntes.

A CONLUTAS, além de não ser de massas é ainda profundamente **superestruturada**, como na realidade de todo o movimento sindical brasileiro: reflete mais a setores da velha vanguarda que são originárias da ascensão dos anos 80 e **não da emergência de uma nova geração operária e de trabalhadores**. Para piorar ainda mais as coisas, o quadro de eleição de delegados deixa bem clara a pouca inserção da CONLUTAS nos setores industriais, que seguem sendo dirigidos hegemonicamente pela CUT ou Força Sindical.

Por isso, o próximo congresso da CONLUTAS tem como desafio central debater duramente como enfrentar esse problema. Isto é, como a CONLUTAS vai se transformar de uma organização que, embora “discuta Deus e sua obra” não tem força nas atuações reais dos trabalhadores, como é o caso, agora, da GM de São José dos Campos, em **uma verdadeira coordenação nacional das lutas**.

É isso também que está colocado no caso da CONLUTE, na medida em que o movimento estudantil universitário continue ocupando a cena das lutas populares, razão pela qual deve ser o centro de intervenção de todas as organizações independentes e correntes da esquerda não-governistas. ■

Faz falta um Novo Partido Socialista

Revolucionário com liberdade de tendências

Praxis acaba de realizar uma importante plenária, na qual votamos uma série de orientações. Desde o início da fundação do PSOL estivemos comprometidos com sua construção, dando uma batalha por seu caráter classista e independente. Infelizmente, essa batalha está **encerrada e perdida**. O PSOL se transformou em um mero instrumento eleitoral à serviço de todo tipo de arrivista e oportunista. **Não resta outra atitude aos revolucionários que romper com esse partido!**

Está colocada a questão de como os revolucionários se organizarão no próximo período. De nossa parte, acreditamos que nenhuma das Correntes da esquerda hoje existentes são alternativas e nenhuma tem autoridade moral para se colo-

car como a corrente revolucionária. Isto inclui também ao PSTU, uma organização que tem forte peso de vanguarda nacionalmente, porém que tem marcadas tendências aparatistas, sectárias e oportunistas em suas relações com a classe trabalhadora e a juventude, suas organizações e lutas.

Nesse sentido, acreditamos que a melhor saída é construirmos juntos um **novo partido revolucionário realmente democrático**, no qual exista direito à tendências que possam aglutinar o conjunto dos grupos e núcleos revolucionários: que aglutine o PSTU, a esquerda do PSOL e demais grupos e núcleos nessa perspectiva que estaremos atuando. Com a palavra o PSTU, a CST e grupos da esquerda do PSOL e demais coletivos.

Chamado aos companheiros do PSTU, CST e demais grupos de esquerda revolucionária

O PSOL está acabado como alternativa independente e socialista Construamos um novo partido revolucionário com liberdade de tendências

A criação do PSOL foi marcada pela luta de se reagrupar a vanguarda que rompia com o PT, após esse partido assumir a Presidência da República e dar continuidade à política neoliberal de FHC. Com isso, não queremos dizer que Lula traiu os trabalhadores logo após assumir a presidência, afinal quando houve a eleição Lula e o PT, estes já eram um dos sustentáculos do modelo econômico e do regime político burguês, já totalmente adaptados ao capital. Entretanto, a subida de Lula à presidência e, posteriormente, os ataques que esse desferiu contra os servidores públicos, possibilitaram a ruptura de um setor minoritário de vanguarda e dos chamados parlamentares radicais, dando origem à constituição do PSOL. Isso abriu a possibilidade de que, a partir desse fato, começasse uma progressiva reorganização mais de conjunto da vanguarda e setores das massas trabalhadoras em um sentido independente, hipóteses que apostamos e pelas quais trabalhamos desde Práxis.

Em direção ao eleitoralismo!

Porém, o PSOL, que no início, apesar de suas fortes limitações, tinha um caráter progressista e uma potencialidade classista, muito cedo sucumbiu à pressão eleitoral e a institucionalidade burguesa. Mesmo antes da entrada da APS, essa pressão já era muito grande e atuava sobre o conjunto das correntes nacionais e até algumas regionais.

Não é correto colocar toda a culpa da degeneração do PSOL na APS e correntes que entraram tardiamente. Mesmo



antes da entrada destes, os setores ligados ao MES e ao MTL já estavam em marcha acelerada rumo ao eleitorismo, e outras como a CST sucumbiam ante a possibilidade de reeleger seu Deputado Federal, Babá e alimentaram a doce ilusão de que se poderia empurrar mais a esquerda MES e Poder Popular: foi esse o objetivo do bloco de vida muito curta formado por esses três setores.

E mais, a APS, só entrou porque o conjunto das correntes permitiu, uns como o CSOL que não só permitiram, como louvaram e, por sua vez também, alimentaram a possibilidade de trabalharem conjuntamente CSOL e APS.

Nós do PRÁXIS, tivemos uma posição inversa. Defendemos que o PSOL deveria ser um instrumento de Luta e indepen-

dência política, nos posicionamos contra o programa aprovado no encontro nacional e posteriormente, votamos contra a entrada da APS, uma vez que essa corrente nunca fez uma autocritica de sua atuação no interior do PT, o que se demonstrou correto, uma vez que o projeto da APS sempre foi o de transformar o PSOL em um PT que desse certo.

Consciente da enorme batalha que estávamos para dar, fizemos por mais de uma vez um chamado público por uma frente que unisse todos que estavam contra o curso liquidacionista do PSOL, imposto por sua direção APS, MES, ENLACE, PODER POPULAR com a convivência da CST e CSOL. Desgraçadamente, não tivemos resposta positiva de nenhuma corrente que se posicionava como

de esquerda.

A trajetória do partido foi de mal a pior, começamos com um programa insuficiente, porém progressivo, o qual garantia a independência de classe, e uma visão difusa de socialismo e chegamos a um programa que, como demonstraremos, está abaixo do reformismo. Hoje o PSOL nada mais é que um PT requentado, deixando de ser um guarda-chuva para a esquerda e se transformando em porto seguro a todo tipo de oportunista carreirista que esteja à procura de um mandato seja para que seja, e sob qualquer método.

A responsabilidade do MES, CST e CSOL

No momento em que estamos anunciando nossa ruptura com o PSOL, queremos num primeiro momento realizar um balanço da curta história desse que poderia ter sido um importante instrumento de reorganização da esquerda socialista e ao mesmo tempo sentar bases do que pensamos que devam ser os próximos passos para reorganizar a esquerda socialista revolucionária em nosso país.

Ao nosso ver, o processo de construção do PSOL sempre esteve tencionado por uma conjuntura muito difícil, na qual o processo de ruptura com o Ptismo e o Lulismo foi muito de vanguarda; esse sem dúvida foi um fator muito importante para que o PSOL não tenha cumprido a tarefa de reorganizar a esquerda socialista.

Se é verdade que a ruptura tenha sido muito parcial e isso não dependia da vontade dos militantes, não é verdade que a situação que chegou o PSOL era “inevitável” ou que todos

temos as mesmas responsabilidades.

É preciso responsabilizar concretamente as correntes. O bloco dirigente APS/MES/PP/ENLACE é o principal responsável pela situação a que chegamos, mais cômica ou trágica e a atuação do ENLACE que vem repetindo no PSOL a política desastrosa com que atuou no PT por mais de 20 anos e que transformou a DS em um mero cordeiro da Articulação, motivo de vergonha para qualquer trotskista.

Os segundos responsáveis são a CST e o CSOL que se omitiram desde a fundação, capitulando a cada momento vital na vida partidária ao bloco dirigente. Assim foram nos sucessivos cancelamentos dos congressos partidários, no aceite de figuras estranhas à esquerda como Senador Geraldinho Mesquita, que hoje está filiado ao PMDB e, por último, na votação do programa eleitoral de Heloisa Helena que estava abaixo do reformismo e mesmo assim desrespeitado pela candidata.

A II Conferência Eleitoral abre as portas a alianças com partidos burgueses.

Toda essa situação desagou na II Conferência Eleitoral do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) realizada no fim de março, em Brasília. Em uma conferencia escandalosa, com o único objetivo de legitimar a política de alianças com partidos burgueses e de aluguel em que somente participaram pouco mais 100 delegados, eleitos em um processo de escolha na qual a base partidária muito pouco





participou e devido à metodologia de eleição totalmente de aparato, os pequenos grupos e tendências não estiveram representados.

Numa conferência como essa, a pressão da base foi quase nula e as resoluções aprovadas refletem a dinâmica interna hoje no PSOL, assim como a correlação de forças hoje existente no partido. MES, APS e PP, cada vez mais adaptados à lógica da democracia burguesa, fazem de tudo para conseguir eleger um vereador, para isso estão dispostos a fazer qualquer coisa: apresentar um programa ao estilo do programa Ptista anos 90, aliança com qualquer tipo de partido e aceitar todo um leque oportunista. A esquerda partidária por sua vez, depois de tanta capitulação vive uma crise bastante grande como demonstram as últimas rupturas na CST e a pouca ação política do CSOL, que não se constituiu enquanto uma alternativa para os ativistas e militantes independentes que existiam no partido.

O resultado não poderia ser outro: **programa aprovado na II Conferência Eleitoral é muito pior que o aprovado e não cumprido por HH; a po-**

lítica de alianças é uma vergonha total, pois a independência de classe foi trocada por uns meros votos que podem eleger esse ou aquele vereador dessa ou daquela corrente.

Essa dinâmica levou o PSOL claramente a um curso **definitivamente à direita, na qual** a luta interna por seu caráter está perdida, não restando aos revolucionários outra coisa a não ser se retirarem e se organizarem independentemente em um novo partido revolucionário com livre direito de tendências.

PSOL É A VOLTA AO PT

O projeto de transformar o PSOL em um PT que dê certo, que “não traia a classe trabalhadora” é de total esquizofrenia. Devemos partir do acúmulo teórico e, principalmente, do balanço duro e real do que tem sido o governo Lula e as administrações municipais e estaduais.

A resolução da Conferência Eleitoral vai na contramão de tirar os ensinamentos do que foi a experiência do PT: embora faça discursos à “esquerda” quando concretiza politicamente as resoluções, temos a mesmice do Ptsimo anos 90 e que o transformaram em um parti-

do da ordem, domesticado e aplicador da política neoliberal em nosso país, um dos sustentáculos da odiosa política imperialista em nosso continente, como fica claro na intervenção brasileira no Haiti.

O PT deixou de ser uma arma dos trabalhadores, não com a eleição de Lula em 2002, mas ainda nos anos 90. A partir das derrotas eleitorais de 1989 e 1994, o PT adotou um programa que abandonava a luta pelo socialismo e independência de classe, trocando por uma luta pela democratização da sociedade. Verdade seja dita, essa não é a primeira vez que um partido de esquerda assume tal perspectiva: o PCB nos fim dos anos 50 e início dos anos 60 também adotou a democracia como horizonte de luta.

Em ambos os casos o resultado foi definitivo ao abandonar a luta pelo socialismo e, conseqüentemente, a revolução, ambos PCB nos anos 60 e PT nos anos 90 se destruíram enquanto instrumento de luta emancipatória. O PSOL ao optar por tal caminho também selou seu destino, a morte enquanto uma alternativa de luta dos trabalhadores.

PRÁXIS esteve desde o início da construção do PSOL,

sempre buscamos nos construir como setor à esquerda e, conseqüente, apoiamos e demos o melhor de nossas energias para que o PSOL se transformasse realmente em uma arma para os trabalhadores e a juventude, sem isso escamotear nossas divergências. Entretanto, é preciso admitir que a batalha por ganhar o PSOL para o campo do socialismo foi perdida, não restando outra coisa aos revolucionários senão romperem com esse partido.

É preciso construir um partido revolucionário com tendências

Em nosso país, acompanhando os distintos momentos de organização e reorganização dos trabalhadores, sempre construímos distintas organizações partidárias, distintas experiências de construção de partidos. Um pouco antes do meio do século passado, tanto o PTB de Vargas e Jango como o PCB de Prestes, demonstraram seus limites nacionalistas burgueses e reformistas, o que os levou à destruição quando se colocaram, de forma incompetente, frente ao golpe militar de 1964.

Com a retomada da ascensão operário dos anos 1978-80, que se estendeu por toda a década de 80, foi possível a criação da CUT e do PT que expressavam um processo de recomposição da classe trabalhadora, sindical e política, que teve elementos progressivos de independência de classe. Sem dúvida, desde o início, ambas as experiências estiveram monopolizadas por direções abertamente reformistas que culminaram em uma adaptação ao sistema burguês.

No contexto destas experiências, sobretudo as abertas a partir de 78, foram-se construindo diversas correntes socialistas revolucionárias, muitas delas trotskistas com peso de vanguarda. A grande maioria terminou capitulando ao giro de adaptação total ao capitalismo e às instituições da “democracia” que tiveram o PT e a CUT e que levaram ao atual governo

neoliberal e burguês, nem ao menos frente populista de Lula. A expressão máxima dessa capitulação podemos ver na Democracia Socialista, que de uma corrente trotskista se transformou em fornecedora de um ministro para um governo burguês como foi o lamentável episódio de Miguel Roseto.

É no marco de reação a esta realidade que, no último período, emergiram o PSOL no terreno político e a CONLUTAS como reagrupamento sindical independente. Se essa última é uma experiência progressiva em curso apesar de seus enormes limites sindicalistas, o caso do PSOL já está encerrado devido à sua total e irremediável adaptação ao eleitoralismo e à formação de coligações com setores patronais.

Sem dúvida, tampouco parece correto a opção por alguns dos grupos independentes existentes em nosso país como por exemplo o PSTU, uma organização que embora se mantenha independente está marcada por fortíssimas características burocráticas, oportunistas, sindicalistas e também sectárias.

Nestas condições, desde PRÁXIS, apostamos que a via da abertura da possibilidade de resolver a histórica tarefa pendente de construir uma organização socialista e revolucionária em nosso país passa neste momento por uma perspectiva que supere tanto a experiência do PCB, como a do PT, o que infelizmente o PSOL não fez.

Quer dizer, pela construção de um partido socialista e revolucionário, que como tal, conjugue as tarefas da independência política dos trabalhadores e a perspectiva da revolução socialista. Partido que pela natureza do processo atual em curso, só poderá ser com liberdade de tendências políticas em seu interior na medida que hoje só poderá surgir do reagrupamento de distintas forças revolucionárias de vanguarda.

Companheiros do PSTU, CST e demais correntes da esquerda, com a palavra: vocês!!! ■

FATE: um exemplo a ser seguido!

Argentina: uma experiência operária independente e baseada na democracia de base

A experiência sindical e política que estão realizando os operários de FATE é uma lição para o conjunto da classe trabalhadora brasileira e, em especial para as correntes que reivindicam o socialismo revolucionário.

FATE é líder no mercado interno de pneus na Argentina, sua fábrica se localiza na Zona Norte de Buenos Aires, espécie de ABC da cidade, pertencendo a um importante grupo empresarial, o Grupo Madanes, que entre outros negócios é também dono da maior fabricante de alumínio do mundo, a siderúrgica **ALUAR**.

Embora tenha grande tradição de luta desde os anos 90, quando uma importante greve que durou mais de 30 dias e foi duramente derrotada, a patronal impunha um regime de trabalho insuportável e salários miseráveis.

Desde o novo MAS, integrante da Corrente Internacional SoB, da qual fazemos parte, vínhamos há algum tempo

acompanhando e ajudando para que os trabalhadores de FATE recompusessem suas forças, nisso colocamos muito de nossas energias. Ancorados em uma caracterização que surgia uma nova vanguarda no interior das fábricas fomos **com tudo ao coração da principal zona operária do país**.

Ação independente e coordenada

Essa política se mostrou totalmente correta. Os operários de FATE, já no início de 2007 se puseram em pé, contra o sindicato, a seccional e o corpo de delegados ligados à burocracia pelega de CTA, já totalmente vendidos. Eles realizaram várias assembléias dirigidas pela base, com democracia operária, na qual a burocracia foi totalmente desmoralizada, cumprindo um papel absolutamente secundário.

Após meses de intensa luta, os trabalhadores chegaram a ter que ocupar a sede da seccional do sindicato para impedir que a burocracia pelega os traíssem.

Enfim, **saíram vitoriosos, o que não ocorria há mais de uma década**. A vitória dessa greve teve muita repercussão, pois foi a maior vitória de um setor fabril em muitos anos. Vale lembrar que no setor industrial, as greves vinham sendo derrotadas uma atrás da outra.

Terminada a greve, os trabalhadores da FATE deram outro importante passo em seu processo de reorganização: **tomaram da burocracia, primeiro o corpo de delegados e depois a direção da Seccional San Fernando do Sindicato, sendo hoje a única seccional de um sindicato fabril dirigido pela esquerda**. Esse sindicato possui uma forma totalmente independente da burocracia e da patronal e, depois de mais de uma década, conseguiram impor uma chapa nacional ao sindicato dos trabalhadores em pneumáticos, **um fato histórico** reconhecido por todas as correntes.

Em todo esse processo o *Novo Movimento Al Socialismo*, esteve com todas as suas forças militantes, sendo hoje reconhecido como **o** desse rico e forte processo de reorganização pela base.

A Seccional do Sindicato, dirigida pela chapa



marrom é um grande exemplo a ser seguido em nosso país, porque surgiu do calor das lutas do ano passado, manteve-se independente e soube passar na prova de dirigir esse importante conflito.

Desde que assumiu a direção da fábrica, a lista marrom, impulsionada pelo novo MAS independente, imprimiu uma dinâmica totalmente democrática, na qual todos os problemas mais importantes são discutidos em assembléias: entre os dias 27 de março e 29 de maio já haviam ocorrido oito assembléias gerais, paralisando a produção da fábrica e, mesmo a empresa descontando as horas paradas, a participação era de mais de mais 80% dos trabalhadores da produção.

RODÍZIO PERMANENTE DOS LIBERADOS SINDICAIS

Outra importante experiência tem sido o **auto-rodízio** entre os dirigentes liberados, para que nenhum companheiro se burocratize. A executiva da Seccional é composta por seis membros, dos quais quatro são liberados, sendo dois pagos pelo sindicato, outros dois pela fábrica. Na direção anterior os seis membros eram liberados, sendo quatro pagos pela fábrica.

Já na campanha para eleição do sindicato, a chapa marrom havia se comprometido para que **nenhum diretor eleito ficasse liberado direto**, entendendo isso como um **antídoto contra a burocratização e a**

adaptação social ao aparato, como vemos na ampla maioria dos sindicatos brasileiros, mesmo os dirigidos pela Conlutas.

Assim foi feito, passados três meses os companheiros liberados voltaram ao trabalho, no mesmo turno, com a mesma jornada de trabalho e salário e outros foram liberados pelo mesmo tempo.

Esse é um exemplo que deveria ser seguido por todos os sindicatos brasileiros, a começar pelos da CONLUTAS. A burocratização das organizações sindicais é um processo social e político, que no Brasil vem desde a época de Vargas e sua estatização dos Sindicatos e hoje **atinge a todos os sindicatos, mesmos os dirigidos pelas correntes de esquerda. É um absurdo que existam dirigentes sindicais que não trabalhem há mais de dez anos e que sejam dirigentes de sindicatos e federações morando a quilômetros de distância de suas supostas bases. Isso é uma vergonha total!**

É preciso tirar todas as lições do sindicalismo brasileiro dos últimos anos e aprender com as experiências mais avançadas de nossa classe, como é o caso da FATE. Somente uma ação política e sindical pela base, de forma realmente democrática, será capaz de colocar os trabalhadores de novo em ação. Se a CONLUTAS e os sindicatos a ela ligados, seguirem com essa ação sindical e rasteira não será possível romper essa difícil conjuntura que vivenciamos. ■



CONLUTAS SEM LUTAS NÃO DÁ!

Coordenar e impulsionar as atuais lutas dos trabalhadores e da juventude

O Primeiro Congresso da CONLUTAS ocorre em uma conjuntura marcada por duas dinâmicas bastante importantes. A primeira é a crise econômica que se aprofunda em escala mundial, provocando a volta da inflação em escala global e o aumento dos preços dos alimentos em todos os cantos do planeta. O segundo elemento diz respeito à conjuntura latino americana, esta vive uma forte polarização entre os governos que se elegeram no rastro das “rebeliões populares” - que marcaram o início do século em nosso subcontinente e a direita tradicional.

Esses elementos têm dado a tônica tanto na Bolívia, onde quatro departamentos declararam autonomia em relação ao governo central, como na Argentina, onde uma greve patronal de latifundiários provoca uma polarização cada vez maior entre os dois campos burgueses, o governo de Cristina K e a Sociedade Rural.

Assim, defendemos que a CONLUTAS deve ter um posicionamento claro de independência de classe diante deste tipo de governo. Não pode cair na capitulação política de correntes como o MES, ou cometer erro simétrico, como a LIT ao assumir posições políticas que dão apoio a burguesia em disputa com esses governos, como na Venezuela ao chamar o votar ao “não” acabando por fazer frente única com os setores mais à direita da sociedade, os chamados esquálidos.

Pior ainda foi na Argentina. A paralisação agrária, dirigida pelos grandes fazendeiros contra o aumento dos impostos, que está levando o país a uma situação trágica para os trabalhadores, exigia uma resposta classista. Também neste caso falou alto o impressionismo político, pois a FOS/LIT,

em um primeiro momento, saiu às ruas lado-a-lado com os latifundiários argentinos. Ainda hoje, a Isquierda de los trabajadores, grupo com o qual a LIT montou um comitê de ligação, segue sendo uma das mais entusiastas defensoras das manifestações lideradas e protagonizadas pela direita.

SINDICALISMO NO BRASIL

A CUT foi criada em 82, dois anos depois da criação do PT, em um momento de grande ascenso dos movimentos sociais. Após vinte anos de ditadura política militar e de uma exploração/opressão sem igual sobre o trabalho, o fim da ditadura e a perspectiva de uma democracia política burguesa criaram a ilusão, alentada pelo reformismo petista e cutista, de que uma “nova era” se abria para a classe trabalhadora. Para isso bastaria que elegêssemos o maior número de representantes para o parlamento e que fossem construídos sindicatos capazes de negociar melhorias salariais com os patrões.

Na década seguinte, com a crise de alternativa socialista que se estabeleceu no movimento operário e com a supremacia do neoliberalismo, importantes conquistas econômicas e políticas se perderam. O reformismo demonstrou a sua verdadeira face. Em um momento de ofensiva generalizada do capital sobre o trabalho, manifestada na reengenharia da produção, na flexibilização da jornada de trabalho, no desemprego estrutural, na privatização das empresas estatais e nos ataques às conquistas anteriores, o reformismo colaborou diretamente com a ordem, com o argumento de que não havia alternativas a não ser propor medidas para amenizar os ataques sobre os trabalhadores.



Ruptura com o governo e construção da Conlutas

A ruptura com o governo Lula em 2003 - a partir da luta contra a reforma da previdência - realizou-se apenas em um setor do funcionalismo público. Apesar dos limites este fenômeno possibilitou iniciar a criação de organizações políticas alternativas à CUT e ao PT. Um período de estabilidade econômica mundial e de crescimento das exportações se combinou com a ampliação de políticas de “compensação social”, fazendo com que um enfrentamento mais amplo e direto com o governo e, conseqüentemente, com a CUT e com o PT fosse adiado. Como se pode observar, houve importantes fatores de mediação para que houvesse uma ruptura ampla com LULA, CUT e PT.

Temos sérios problemas de condução política na CONLUTAS desde o encontro de Luziânia no Distrito Federal. Naquele momento, quando se vê como direção hegemônica, o PSTU passa a adotar uma postura ultra-sectária em relação a setores que se demonstravam vacilantes no processo de ruptura com a CUT.

A fórmula política usada por esta organização era de que “só

os que rompiam com a CUT eram lutadores independentes do governo e da burocracia”. Em um momento de definições políticas estratégicas a principal exigência aos setores de esquerda que ainda estavam na CUT era que lutassem contra os ataques do governo, condição para que a unidade se desse na prática. Assim, é inegável que a postura ultimata do PSTU é um dos elementos responsáveis pelo atraso no processo de unificação do movimento sindical combativo no Brasil.

No CONAT tivemos uma série de problemas ligados à fal-

ta de democracia. A começar pelas teses que não foram publicadas na íntegra, sendo substituídas por um caderno de emendas selecionadas ao bel-prazer da coordenação. Os proponentes não tiveram tempo para defesa das teses, momento que foi substituído por mesas temáticas. Outro problema foi que as propostas aprovadas nos grupos não foram sistematizadas para apreciação da plenária geral. Resumo da ópera: o PSTU teve a mesma prática que sempre condenamos nos congressos organizados pela articulação. ▶



Por que a Conlutas/Conlute não coordenam as atuais lutas?

Mas, o maior problema, a nosso ver, foi postura adotada em relação ao tema eleitoral. No congresso em Sumaré - polarizado pelas eleições nacionais - o PSTU e outros setores se negaram a discutir a fundo e assumir uma posição diante do principal problema político daquele momento. Isso foi um desastre, pois levou a CONLUTAS a seis meses de ostracismo político em nível nacional. O argumento era de havia posições distintas sobre o assunto e a votação sobre o tema poderia levar a uma cisão no congresso. Mas, o que se pretendia com esta postura, na verdade, era fazer chantagem sobre a direção do PSOL para que aceitasse as condições do PSTU na formação da Frente de Esquerda. Uma manipulação tática que custou meses de desarme político.

Além destes problemas, a **direção da CONLUTAS não encaminhou ou desvirtuou uma série de resoluções** aprovadas no CONAT, tais como: a campanha do salário mínimo aprovado do DIEESE acabou se transformando em uma campanha por um salário de R\$ 700,00; a campanha contra a precarização e a terceirização não foi encaminhada; a luta contra a reforma sindical foi substituída pela defesa da legalização das centrais sindicais.

Em 2007 a CONLUTAS esteve à frente de lutas contra as reformas neoliberais do governo Lula. Em 25 de março, chamou as organizações sociais para unirem suas lutas contra as reformas do governo. Fato que teve importante repercussão no 1º de Maio e no “Dia Nacional de Lutas”, 23 de Maio, com importantes atos, paralisação de estradas em todo país. O problema é que estas ações, apesar de importantes, estão longe de significarem uma alteração na correlação de forças no cenário

político nacional e uma ruptura massiva dos trabalhadores com a CUT. No mais, apesar das dificuldades objetivas para darmos este passo, a política da direção majoritária da CONLUTAS (PSTU) nada contribui para superarmos os entraves estruturais colocados em relação ao (1) enfrentamento aos ataques patronais e governamentais e em relação à (2) organização autônoma, democrática e pela base dos trabalhadores.

Como exemplo temos o ascenso estudantil que se iniciou em 2007 contra o fim da autonomia universitária e contra o REUNI, com a ocupação da reitoria na USP seguida de várias ocupações nas universidades federais, e com desdobramentos em 2008, contra a corrupção ligada aos cartões corporativos e as fundações privadas que controlam o dinheiro público, como foi o caso da UnB e da UNIFESP. Não houve por parte da CONLUTE nenhuma iniciativa no sentido de coordenar nacionalmente este processo, a sua criação foi algo extremamente positivo devido à traição completa da UNE, porém não conseguiu se constituir em uma ferramenta real de coordenação das importantes lutas estudantis que em ocorrendo no último período. E não é porque não há importantes mobilizações entre os estudantes universitários, são muitos os processos de resistência, e não só nas universidades públicas.

È reconhecido por quase todas as correntes que este ascenso é de longe o mais importante dos últimos anos e que tem gerado uma vanguarda, na verdade, o único movimento que gera uma nova vanguarda, mas que na prática tem sido deixado à própria sorte pela CONLUTAS/CONLUTE. Oportunidades ímpares de superar a letargia da direção da UNE ou dos setores que ainda

permanecem acomodados a sua estrutura como a chamada “esquerda da UNE” e de criar ações coordenadas nacionalmente a partir de um processo real de mobilização foram olímpicamente desperdiçadas.

Nenhum encontro ou plenária com os estudantes mobilizados foi proposto, ação conjunta para potencializar os processos de radicalização entre estudantes e trabalhadores muito menos. O fato é que a CONLUTE sofre do mesmo mal da COLUTAS, ou seja, imperdoavelmente em uma conjuntura de defensiva como a brasileira desperdiça oportunidades decisivas para impulsionar/coordenar as mobilizações.

Em um país que vive um refluxo prolongado do movimento operário ou estudantil a



esquerda não pode se dar ao luxo de não aproveitar as iniciativas de alguns setores para tenta impulsionar o conjunto dos trabalhadores. É o que acontece com a luta dos trabalhadores da GM em São José dos Campos. Quando existem processos reais de mobilização a direção da CONLUTAS não atua no sentido de romper o isolamento e transformar estas mobilizações em fatos políticos que transcendam a realidade local ou setorial como é o caso da mobilização dos trabalhadores da GM em

São José dos Campos.

Para que se saiba: a GM pretende realizar um ataque aos trabalhadores de sua unidade de São José dos Campos que terá repercussão em toda cadeia produtiva, pois quer contratar 600 novos operários de forma precarizada, com menores salários, banco de hora... Para barrar esse ataque aos operários da GM é necessário que o Sindicato hegemônico pelo PSTU rompa com sua tática de avestruz e transforme a esta luta em um fato nacional.

PSTU é incapaz de romper com o corporativismo e superestruturação

Infelizmente o PSTU é incapaz de romper a lógica corporativa, pratica um sindicalismo rasteiro sempre se adaptando ao nível da consciência mais atrasada das massas. A luta dos trabalhadores da GM é um exemplo objetivo de mobilização que deve unir os trabalhadores da GM, toda a classe trabalhadora de São José dos Campos e da Região, além de contar com o apoio e a participação dos trabalhadores de outras regiões do país.

A vitória desta mobilização pode influenciar a mobilização da classe operária em todo o país, assim deve ser realizada uma campanha de magnitude nacional contra a precarização e em defesa destes trabalhado-

res. Para organizar o conjunto dos trabalhadores de São José dos Campos é preciso apresentar um programa que aponte a redução da jornada de trabalho sem redução de salário, reajuste geral de salários.

A postura da CONLUTAS em São José é um exemplo claro do que estamos afirmando em relação à sua direção. Ou seja, em uma situação difícil para os trabalhadores, de praticamente uma década sem grandes mobilizações locais ou nacionais, não podemos perder oportunidade como a que está em curso em São José dos Campos para realizar campanhas que sirvam como apoio concreto aos trabalhadores ou estudantes que estejam em luta e

como plataformas políticas para o conjunto da classe trabalhadora brasileira. Estas iniciativas políticas dependem exclusivamente da vontade política da direção da CONLUTAS, não se pode fugir a este fato.

A organização de base é um problema anunciado pela corrente majoritária e pela ampla maioria das correntes que compõem a CONLUTAS. No entanto, de forma geral, ficam restritas a declarações de intenção no sentido de construir de transformar a relação com a base, combater a burocracia, o corporativismo... Desta forma, todas reconhecem que é necessário construir ações sindicais no cotidiano dos locais de tra-





balho; desenvolver um sindicalismo que rompa com o corporativismo; construir políticas de formação para os dirigentes de base; rodízio nos postos de direção sindical, etc.

Mas, precisamos colocar o dedo na ferida, **nos sindicatos que dirigimos ou temos influência quase nada se faz neste sentido. Um exemplo contundente é o comportamento na APEOESP (Sindicato do Professores do Ensino Oficial de São Paulo). Iniciado o terceiro mandato, a maioria dos companheiros liberados são os mesmos de há seis anos, isto é, há seis anos não entram em uma sala de aula.**

Não podemos, com o argumento de que os sindicatos e movimentos são autônomos em relação a Conlutas, sair desse congresso sem uma defini-

ção clara sobre o processo de burocratização a que todos estamos submetidos, uma vez que tal processo de burocratização é social e material. Assim, temos que votar que os sindicatos vinculados à CONLUTAS realizem rodízio de seus dirigentes liberados a cada seis meses, isto é, **nenhum dirigente de sindicato deve ficar mais de seis meses sem voltar a trabalhar no mesmo local, desenvolvendo as mesmas funções de quando não era dirigente e recebendo o mesmo salário.**

Será um desperdício se esse congresso mantiver a “tradição” de ser um parlamento sindical, onde se faz belos e radicais discursos e no fim cada um volta a suas entidades e locais de trabalho e a vida segue na mesma... Dizemos isso porque as poucas resoluções adotadas no Encontro realizado em 2006, não foram colocadas em prática, isso é um grave erro da CONLUTAS e de sua corrente majoritária.

Apesar de uma conjuntura política desfavorável para os trabalhadores nos últimos anos, a construção de alternativas au-

tônomas da classe trabalhadora se constitui em uma necessidade estratégica fundamental. A questão é que a CONLUTAS ao não conseguir se colocar como direção de processos reais de luta não se transforma em espaço real de mobilização e representação dos trabalhadores. Em outras palavras: é necessário lutar para que a CONLUTAS seja de fato uma organização “com lutas”. Sem esse elemento central não se pode avançar na construção de uma organização sindical de massas que ao superar a CUT e todo o peleguismo cumpra o papel de impulsionar e organizar a luta anticapitalista, independente e democrática dos trabalhadores no Brasil.

Assim sendo, contra a burocratização, votemos rodízio de dirigentes em todos os sindicatos; contra a fome e o arrocho salarial, salário mínimo do DIEESE; contra o desemprego, a redução da jornada de trabalho. Para unir a classe, lutemos por direitos trabalhistas para todos, não à terceirização; não ao trabalho precarizado, salário igual para trabalho igual.

Primeiro balanço da greve da Revap



Depois de quase um mês de luta chegou ao fim a greve da REVAP (Refinaria Vale do Paraíba). Dos, aproximadamente, dez mil trabalhadores terceirizados pertencentes à doze empresas que estão modernizando a refinaria, muitos são pedreiros, eletricitistas prediais, serventes e ajudantes, encanadores e montadores industriais que recebem entre R\$ 630,00 e R\$ 950,00. Isto é, um salário muito baixo pelo tipo de serviço de alto grau de periculosidade que desempenham.

Esses dez mil operários, se por um lado eram altamente explorados e não possuíam nenhuma experiência de luta e de organização sindical; por outro lado, tiveram um nível de luta e de disposição bastante invejável e ainda colocaram a burocracia da CUT e do Sindicato da Construção Civil, ao qual estão vinculados, para correr (literalmente) fazendo com que o pelego presidente do Sindicato saísse escoltado para não apanhar.

Depois, esses trabalhadores buscaram o apoio da CONLUTAS que dirige vários sindicatos da região, montaram uma comissão de base eleita em assembléia para negociar junto à patronal. Toda essa organização e disposição de luta garantiram que a greve seguisse por 30 dias.

Infelizmente, o final da greve poderia ter sido muito mais positivo para os operários. Após tanta luta se aceitou uma proposta de reajuste salarial de 10% no salário, um abono de R\$

1.500,00 e estabilidade de 90 dias. Entretanto, os trabalhadores terão 27 dias da greve descontados, o que foi um duro golpe, uma vez que a Justiça do Trabalho já havia garantido o não-desconto. Nesse sentido, podemos dizer que foi um acordo ruim, já que além do pouco avanço financeiro que obtiveram, terão que pagar pelos dias parados.

MAIS UMA VEZ FALTOU UNIFICAR AS LUTAS

A greve poderia ter tido um fim muito melhor para os trabalhadores. Mais uma vez a CONLUTAS e seu setor majoritário, o PSTU, foram incapazes de unificar as lutas em curso na região, como era o caso da GM e de fábricas químicas, cujo sindicato é dirigido pela CST. A orientação da CONLUTAS e do PSTU mais uma vez fez com que essa luta ficasse presa aos limites da refinaria, presa à sua lógica sindicalista rasteira, sendo incapaz de organizar uma forte campanha de solidariedade, unindo operários da GM e da REVAP, tendo assim muito mais chances de serem vitoriosos. Separados, a luta é muito mais difícil e é inadmissível que em uma região como São José dos Campos, onde o PSTU tem grande peso de vanguarda, dirigindo vários sindicatos importantes e a CST (que dirige o segundo maior sindicato operário das fábricas químicas), não tenham realizado uma única atividade mais geral. Por sua vez, os operários da REVAP estão de parabéns, fizeram tudo que estavam ao seu alcance: piquetes, comissão de base e muita disposição de luta.

Aprendamos com essa luta importante, tornemos a luta dos operários da GM uma luta nacional, nesse sentido pensamos que é fundamental que o Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos, convoque imediatamente um encontro de ativistas, dirigentes sindicais combativos e da juventude, para juntos organizarmos uma intensa e ativa campanha pela vitória dos metalúrgicos da GM. ■

MTL/MES tão perto de Chavez, tão longe dos trabalhadores

Há alguns dias a vanguarda sindical, estudantil e popular se surpreendeu com o anúncio da saída da CONLUTAS dos companheiros do MTL e do MES, após participar da eleição de delegados e menos de um mês da realização do congresso nacional, a saída dos companheiros seria pouco inteligível, se não se tratasse de **uma corrente taticista e oportunista.**

Por traz da ruptura desse setor esta um misto de submissão ao “chavismo” e de seus mesquinhos interesses de aparato. Mesmo com o PSTU capitulando a este setor e declarando formalmente que não votará nenhuma resolução afir-

mando a independência dos trabalhadores diante dos governos burgueses de Chavez ou Evo, a simples hegemonia do PSTU e a participação da CCURA e de Orlando Chirino no ELAC são componentes inadmissíveis para estes setores, pois a submissão destes é total diante de Chavez. Não é por acaso que o cimento que une MES, MTL e CCLCP é, justamente, a submissão ao governo do “Comandante Chavez”.

Outro ponto que influenciou na posição de ruptura é a tentativa - desses setores - em centralizar sindicalmente o PSOL. Essa tem sido a iniciativa desde o Encontro Sindical do

PSOL, realizado antes da Conferência Eleitoral, a posição defendida explicitamente por Roberto Robaina foi de que o PSOL deveria construir a sua própria central sindical. O que é uma vergonha! Ou seja, querem construir a sua própria central sindical e se isto não der certo, negociar a entrada de todo o PSOL na CONLUTAS de forma a conseguir uma melhor localização.

Fazemos um chamado público aos delegados eleitos pelo MES/MTL que rompam com suas direções e participem da CONLUTAS, para que juntos façamos avançar a luta dos trabalhadores e da juventude. ■

A Conlutas precisa organizar uma campanha nacional em defesa dos trabalhadores da GM!

A patronal da General Motors, uma das maiores montadoras de automóveis do mundo, que controla cerca de 20% do mercado nacional, vem realizando um brutal ataque aos trabalhadores de sua unidade de São José dos Campos. Com apoio de toda a burguesia da cidade, da igreja e da prefeitura, a empresa tenta contratar 600 novos operários de maneira precária, com menores salários e banco de horas. Além disso, a empresa conseguiu isenção de pagamento de IPTU e diminuição de ISS, com o discurso de aumento da produtividade para justificar esse ataque aos trabalhadores.

Está em curso na cidade uma campanha de massa com o intuito de colocar o conjunto da população contra os metalúrgicos da GM, que são retratados pela mídia como inimigos da cidade, e como aqueles que estão impedindo a geração de novos empregos.

Para intensificar esse discurso, a empresa utiliza todo tipo de chantagem, como abrir uma nova fábrica ou transferir para a fábrica de São Caetano do Sul, onde a direção do sindicato é da Força Sindical. As novas contratações também seriam precárias, lembrando que, nessa fábrica, já foram 1500 companheiros contratados com salários rebaixados, banco de horas, e sem outros direitos, como na planta de Gravataí, no Rio Grande do Sul, na qual o salário é muitíssimo mais baixo, cerca de R\$ 700,00.

O que está realmente em jogo é rebaixar o custo da mão de obra na planta de São José dos Campos, igualando-a a dessas outras unidades, com isso buscam aumentar ainda mais seus faraônicos lucros. O setor automotivo tem sido um dos



maiores beneficiados com o crescimento da economia do último período, batendo sucessivos recordes de produção, tendo a queda de exportação devido à valorização do real, porém compensada por um aquecimento do mercado interno que foi alavancado pela baixa dos juros e pela dilatação do prazo de pagamento.

Apesar de a campanha de mídia e da “santa aliança” orquestrada pela burguesia de São José dos Campos, é possível barrar esse brutal ataque aos operários da GM. Para isso, o Sindicato e sua direção hegemônica pelo PSTU, tem que romper com sua tática de avestruz, ou seja, é preciso transformar a luta dos trabalhadores da GM em um fato nacional, para isso o papel da CONLUTAS é o de organizar e unificar as lutas em curso.

Se isso não ocorrer, ocorre-

rá o mesmo que aconteceu na greve dos trabalhadores terceirizados da REVAP, uma importante refinaria de petróleo localizada também em São José dos Campos. Após uma greve dura e radicalizada, na qual “colocaram para correr” a burocracia do sindicato, realizando piquetes durante vários dias e se aproximando da CONLUTAS, saíram da greve com descontos dos dias parados, atendimento das reivindicações econômicas muito parciais. No fim de uma jornada heróica, acabaram aceitando um acordo pior que o imposto pela Justiça do Trabalho, que garantia o pagamento dos dias parados

É preciso tomar a contra-ofensiva, tomar as ruas e bairros de São José dos Campos, visitar as fábricas químicas, uma ação dirigida pela CONLUTAS para constituir um forte movimento que dialogue com o con-

junto dos trabalhadores, ganhando sua solidariedade.

De nossa parte, compreendemos que a luta dos operários da GM é uma luta de todos nós e, nesse sentido, colocamo-nos à disposição para realizar atividades em conjunto com as demais forças políticas que estejam dispostas a levar em frente essa importante reivindicação, apresentando um plano de lutas que rompa o mero marco corporativo sindical.

Infelizmente, o PSTU, mais uma vez, tem se mostrado incapaz de romper a lógica sindical corporativa ao se adaptar a um sindicalismo rasteiro, cujo fruto tem sido uma acomodação social e contribuindo para o atraso da conscientização das massas. Isso por si só já é um problema, qualquer direção que se assumira como revolucionária deve ter o objetivo de fazer avançar a consciência dos

trabalhadores, promovendo a ponte entre suas reivindicações imediatas e históricas. A questão colocada agora é que com práticas simplesmente sindicais, como as utilizadas nas campanhas salariais e na REVAP é impossível derrotar a patronal da GM, pois a luta colocada é objetivamente, uma luta política e deve reunir, a partir dos operários da GM, toda a classe trabalhadora de São José dos Campos e da Região. Se essa luta ficar isolada dentro da fábrica, a possibilidade de derrota é muito grande.

Acreditamos que devemos apresentar um plano de luta que parta de assembléias e agitações nas portas das fábricas da região, ida aos bairros operários, reuniões públicas, cartazes e outros meios de divulgação, para promover dias de luta conjuntas entre GM, Químicos, Alimentação e demais sindicatos dirigidos pela CONLUTAS que podem, inclusive, confluír em Greves e corte da Via Dutra, por exemplo.

Para amalgamar o conjunto dos trabalhadores e do povo pobre de São José dos Campos, é preciso apresentar um programa que aponte a redução da jornada de trabalho de forma radical (e não como tem proposto as centrais chapa-branca), reajuste de salários que recomponham o poder de compra corroído pelo aumento de preços, principalmente dos alimentos.

Práxis está à inteira disposição dos companheiros de São José dos Campos, para que juntos, possamos dar passos concretos na coordenação dessa importante campanha, realizando debates e construindo painéis nas Universidades onde nos encontrarmos. ■

Lula e Sérgio Cabral são culpados: punição a todos os envolvidos

FORA MILICOS DOS MORROS E FAVELAS!

Estamos diante de mais um acontecimento hediondo. Mais uma vez, os moradores das favelas do Rio de Janeiro foram vítimas da “segurança pública”. Três jovens, todos negros, foram assassinados pelo exército no Morro da Providência, a favela mais antiga do país. Os soldados estão no morro realizando um trabalho social, chamado “cimento social”, que consiste em realizar obras nas casas. Esse projeto é organizado pelo Senador Marcelo Crivela, principal expoente da bancada evangélica e membro da Igreja Universal do Reino de Deus e é desenvolvido em parceria dos Ministérios das Cidades e da Segurança. Por trás desse projeto clientelista está a corrida por votos para as próximas eleições municipais, Crivela é candidato a Prefeito da cidade do Rio de Janeiro e aliado de Lula.

Esse caso de brutal violência contra a população pobre do Rio de Janeiro, negra em geral, mostra a verdadeira face da ação dos militares nos morros do Rio. Com a desculpa de se realizar ações sociais, o Governo Estadual de Sérgio Cabral Filho, com apoio direto de Lula, vem realizando uma verdadeira militarização das favelas e bairros pobres da cidade, cujo alvo principal tem sido a juventude negra. Nesse sentido, tanto Sérgio Cabral quanto Lula são responsáveis diretos pelo assassinato desses três jovens, cujos “crimes” consistiam em serem negros e favelados. Igualmente culpados são os partidos da direita e a burguesia carioca que apóiam esse tipo de ação militar.

A situação chegou ao limi-

te. Cansada de tanta violência, exploração, opressão e humilhação, a população do Morro da Providência realizou um dos atos mais radicais dos últimos anos. Armados de pau e pedras enfrentaram o exército em uma ação que durou várias horas, paralisando a região da Central do Brasil, de onde partem os trens e ônibus para o subúrbio carioca. A principal exigência dos moradores era a saída imediata dos soldados do morro e a punição para todos os envolvidos. Como sempre, a imprensa burguesa não demorou em condenar os atos dos “baderneiros” que atrapalhavam o trânsito.

A saída para o problema da violência nas favelas está nas mãos dos próprios trabalhadores. Não somos pacifistas, defendemos o direito democrático dos explorados e oprimidos e até uma organização militar, se necessária, para que a população se defenda contra o tráfico, as milícias e o Estado. Nesse sentido é tarefa da CONLUTAS, Sindicatos, MTL que possuem uma importante penetração nas favelas cariocas, assim como ao PSOL que possui vários parlamentares na cidade, para realizar uma forte campanha pela imediata saída do exército dos morros e favelas cariocas.

A presença dos militares nos morros em nada ajuda o combate ao sério problema do tráfico - presente em todas as escalas da sociedade - e qualquer força repressiva que entre nas favelas, imediatamente se alia a esse comando. Passados mais de vinte anos do fim da ditadura militar, esperava-se que



as prisões e torturas cessassem, no entanto testemunhamos agora a população mais pobre da sociedade tendo que passar, de maneira corriqueira, por esse tipo de abuso, como bem relatou o filme *Tropa de Elite*.

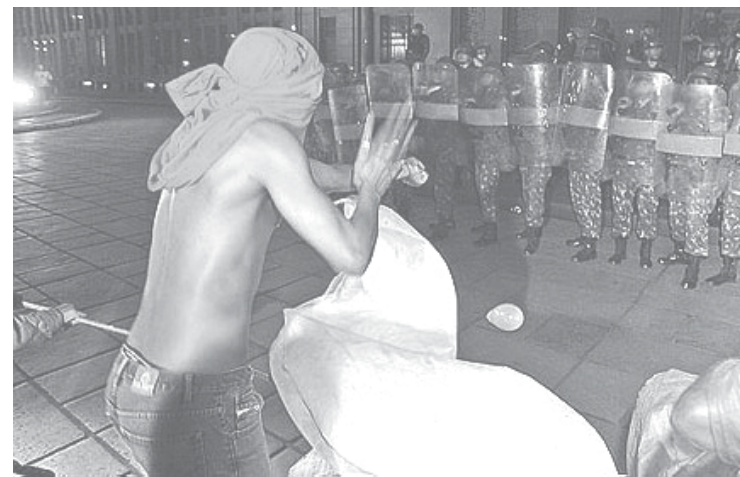
O assassinato dos três jovens demonstra cabalmente a relação que existia entre os 11 militares que os prenderam e, posteriormente, entregaram-nos a um grupo de traficantes de uma favela rival, onde supostamente foram brutalmente assassinados. Esse acontecimento deixa evidente a relação conivente entre tráfico, Estado e burguesia, que estão envolvidos em jogos ilegais, desvios de verbas, entre outros crimes. Vejam-se os exemplos do ex-governador Garotinho que teve seu computador apreendido para investigações e de cerca de um terço dos deputados que são suspeitos de crimes por tráfico, desvios e assassinatos. A Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, como tantas outras é um antro de todo tipo de criminosos, que utiliza sua imunidade parlamentar para enriquecer ainda mais e encobrir crimes contra a sociedade. Está claro que não se trata de um mero desvio de um ou outro Deputado Estadual, é preciso denunciar a instituição como um todo e dizer em alto e bom tom:

“Fora, deputados bandidos!”. O PSOL, que possui um Deputado Estadual, tem de ser o primeiro a levantar essa bandeira, sem ficar colocando “panos quentes”.

No seio da burguesia carioca, há toda uma polêmica sobre como reconquistar o poder do Estado nas áreas controladas pelo tráfico. Um setor, aproveitando a experiência no Haiti propõe colocar o exército diretamente para “cuidar” da segurança pública, subindo os morros e participando de ações de enfrentamento direto. Outros setores defendem que tal política seria uma aventura militar e, principalmente política, que poderia desmoralizar o exército, que, como tal, é o último sustentáculo da burguesia, devendo ser protegido.

A única saída possível para o grave problema dos mor-

ros e favelas cariocas é a classe trabalhadora e suas organizações assumirem um programa que questione a fundo a raiz da barbárie social que, em muitos lugares, já é uma realidade concreta. Para isso, é preciso que a classe trabalhadora, a juventude e a população pobre consigam impor suas demandas, que ao nosso ver devem passar pela redução da jornada de trabalho, fim do emprego precário (direitos trabalhistas a todos), não pagamento das dívidas externas e internas, a fim de que esses recursos sejam disponibilizados para a população em forma de um plano de educação e de saúde de qualidade para todos, obras públicas que solucionem o grave problema de água e esgoto que assolam essas comunidades, assim como programas de lazer e cultura para toda a população. ■



UNIFESP: luta pela saída do reitor e democratização da universidade

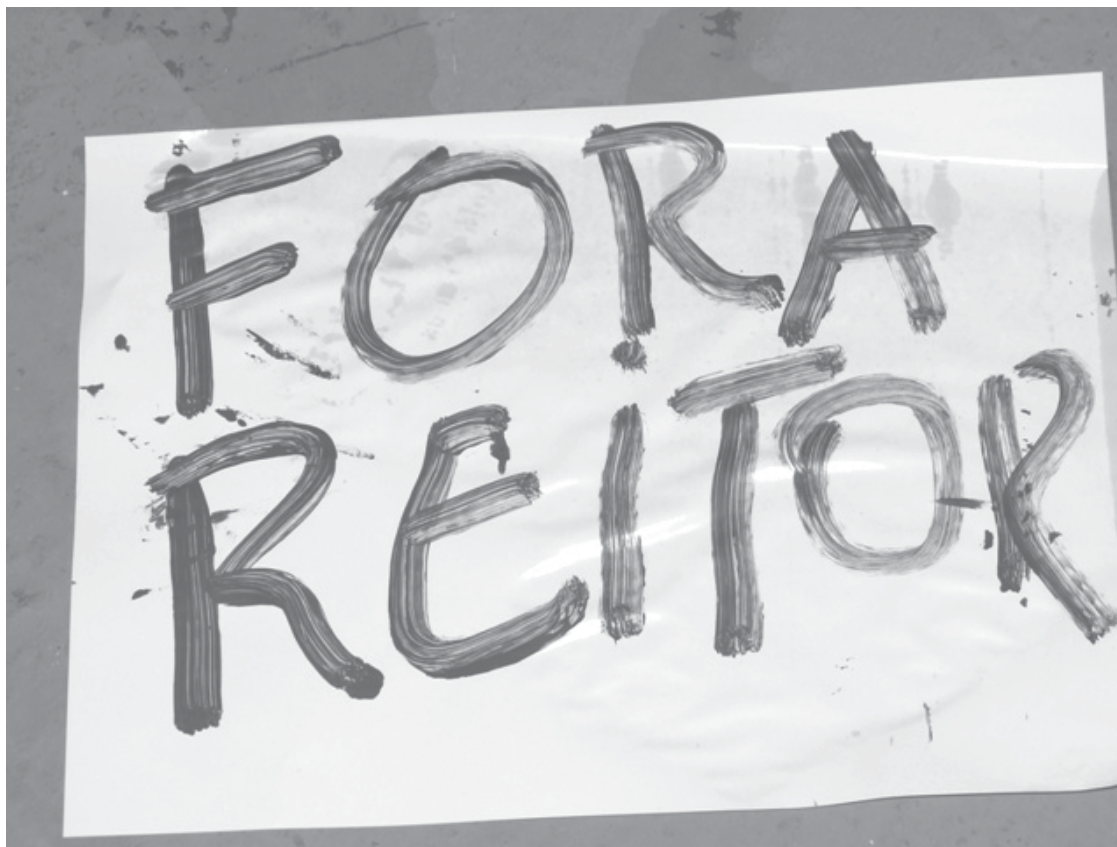
Como já era de se esperar, novos fatos envolvendo o Reitor da UNIFESP vieram à tona. Dessa vez as denúncias vieram da Controladoria Geral da União (CGU), que comprovou o que todo mundo já sabia: que o magnânimo reitor desviou e fez mau uso de dinheiro público.

O esquema de corrupção envolvendo os Cartões Corporativos, com despesas não confirmadas e transferências para as fundações privadas chega à astronômica cifra de 170 milhões de reais. Verba que deveria ter sido investida em construção de moradias estudantis, refeitórios, contratação de professores, biblioteca – Guarulhos não possui acervo suficiente para a demanda -, ou seja, o básico para uma instituição superior de ensino.

E, em mais um caso os estudantes estão sentindo na pele o desmando dos gastos do dinheiro público por parte da reitoria. Nas vésperas da inscrição para o maior evento nacional de filosofia, o COBREFIL, os estudantes receberam o aviso de que não terão apoio da Universidade para comparecerem ao evento, pois a empresa de transporte conveniada com a instituição pertence à esposa do reitor que, evidentemente está sob investigação da CGU.

Por outro lado, não falta verba para colocar policiamento dentro dos *campi*, bem como câmeras de vídeo para monitorar os estudantes e funcionários. Mais uma vez o dinheiro é mal utilizado, pois quem precisa de monitoramento e de polícia é o reitor corrupto.

Este tipo de relação com o dinheiro público, sem dúvida, está a serviço da política nacional de desmonte e sucateamento da Universidade, por meio das fundações de apoio. A prova evidente é o REUNI, com sua pseudoexpansão do ensino superior. Realiza-se, assim, o



mesmo mecanismo perverso de popularizar com baixa qualidade, exatamente o que fizeram os governos estaduais com a educação básica.

Apesar de já estar mais do que demonstrada a culpa do reitor, este ainda permanece firme no cargo. Esse fato é algo que merece reflexão de todos aqueles que estão envolvidos na luta da UNIFESP. É elementar que, para se ganhar uma guerra é preciso conhecer o inimigo, e a partir disso eleger a melhor tática para a batalha. Sem este elemento fundamental qualquer embate está fadado ao fracasso.

O Reitor não caiu, porque apesar de todos os esforços de uma parcela dos estudantes contra ele, ainda conta com o conservadorismo de alguns setores, como alunos, funcionários e professores que permanecem paralisados ante as denúncias de corrupção, devido à burocracia acadêmica e à deficiente direção dos sindicatos.

O REUNI permite aos do-

centes realizarem “pesquisas” fora da Universidade e, com isso, arrecadarem, muitas vezes, valores maiores que seus próprios salários. Para que os docentes tenham suas pesquisas aprovadas é preciso o apoio da reitoria, o que explica, em parte, porque até agora os docentes não se posicionaram ou, pior ainda, que se posiciaram em favor do reitor.

Não nos enganemos: esse esquema de desvio de dinheiro é muito grande e por mais que o reitor seja o maior favorecido, também favorece a outros setores da universidade, pois em órgãos como o CONSU, o reitor está blindado. Na última reunião deste fórum, a grande preocupação era saber quem deixou vaziar informações contra o reitor para o jornal *Folha de São Paulo*.

Nesse contexto, há que se ter clareza de que a situação do movimento na UNIFESP é delicada. O isolamento político do *campus* de Guarulhos é latente. Isso demonstra que es-

tamos diante de uma conjuntura que exige pensar bem os próximos passos, visto que ações isoladas não servem para fazer a luta avançar. Não podemos ter uma visão pacifista ou legalista – tampouco vanguardista – da mobilização, pois estaremos na linha de frente de toda a ação de massas organizada e discutida democraticamente entre os estudantes.

No fim dos anos 60 e início dos anos 70 tivemos inúmeras guerrilhas no Brasil, muitas deram prova de abnegação e heroísmo inigualáveis, entretanto nenhuma conseguiu abalar a ditadura. Poucos anos depois estavam todos derrotados, somente os movimentos de massa puderam derrubar a ditadura militar com as greves operárias nas fábricas do ABC e com os estudantes universitários que começaram a ocupar massivamente as ruas.

As ações estudantis realizadas na UnB, Fundação Santo André ou USP, sempre foram precedidas do amplo debate e

de preparação junto aos estudantes. A queda do reitor da UnB, só pôde ser vitoriosa graças à organização e à articulação dos estudantes. A direção desse processo de discussão e de preparação das ações estudantis nunca teve a preocupação com a guerra de rótulos: quem é de direita, de esquerda, de centro ou moderado, ou das escolhas político-partidárias dos estudantes.

A luta deve ser pautada pelas discussões e ações que levem à ação o maior número possível de estudantes, e não o patrulhamento ideológico praticado por alguns setores que atuam na UNIFESP. É necessário um amadurecimento político, conquistado pela prática da luta direta e pela reflexão política, para não perecer frente aos constantes conflitos internos que não contribuem para a construção do movimento.

Sendo assim, **fazemos um chamado a toda comunidade acadêmica da UNIFESP para colocar em pé um verdadeiro movimento estudantil de massa organizado democraticamente em comitês de mobilização, com fóruns de debates constantes que chamem a atenção de todos os estudantes para a luta.**

Para isso, é necessário retomar a mobilização do conjunto dos estudantes organizada democraticamente em assembleias de base e em comitês de mobilização, só assim poderemos enfrentar os desafios postos.

Não estamos sozinhos nesta luta, por isso a UNIFESP não pode continuar isolada sem unificação com frentes de luta, de fundamental importância à participação nos Fóruns do Movimento Estudantil Combativo. É preciso ajudar e sermos ajudados, é nesse sentido que fazemos um chamado a construirmos a CONLUTE, como instrumento de luta dos estudantes. ■

Aos nossos leitores:

Nossa organização está entrando em uma nova etapa de sua construção, acabamos de romper com o PSOL, partido em que estivemos militando desde nossa constituição enquanto grupo político. Essa nova etapa construtiva, isto é, a de construir uma organização independente da burguesia e dos aparatos burocráticos e eleitorais, requer uma nova ferramenta de organização e difusão política.

É nesse marco que se inserem as modificações editoriais presentes nesse número. Mudamos o projeto gráfico, a partir deste número começamos a publicar em formato de jornal, com isso queremos chegar a um número cada vez maior de trabalhadores e jovens. Essas mudanças representam ousadia de nossa parte, pois ao mudar o projeto estamos aumentando em muito os custos. A partir de agora nosso jornal está mais político, entrando nas polêmicas mais sentidas pela nossa classe e pela juventude que tem se levantado contra a Reforma Universitária e o Governo Lula.

Com isso, queremos ser um dos porta vozes dos processos de lutas que venham a existir em nosso país e com isso ajudar a vanguarda dos trabalhadores e estudantil a avançar rumo a uma consciência socialista revolucionária.

Assim, pedimos o apoio de toda a vanguarda e aos militantes, que nos ajudem a manter essa ferramenta de luta contra o capital e pelo socialismo, adquirindo e ajudando a distribuir esse jornal.



Práxis

CONTATOS:

grupo.praxis@yahoo.com.br

www.grupopraxis.org

www.socialismo-o-barbarie.org

SP (11)

9465-4879

8981-4878